

A relação escola-museu segundo a visão de professores e educadores museais - Comparação Brasil – França

**The school-museum connection from the point of view of teachers and museum educators
Brazil – France comparison**

La relation école-musée du point de vue des enseignants et des éducateurs de musée - Comparaison Brésil - France

Ana Dias-Chiaruttini

Universidade de Toulouse, Toulouse – França
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro/RJ – Brasil

Cristina Carvalho

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro/RJ – Brasil

Monique Gewerc

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro/RJ – Brasil

Resumo

A relação escola-museu tem sido abordada em pesquisas acadêmicas tanto no campo da educação quanto na educação museal. Quando se trata das visitas escolares, distintas visões e abordagens por parte de professores e mediadores por vezes se chocam. Este artigo aborda parte dos resultados de uma pesquisa que buscou compreender a visão desses atores e encontrar pontos convergentes para o estabelecimento de relações dialógicas que otimizem esses momentos pedagógicos. Apoiando-se em pesquisas e teóricos do campo e dados produzidos por entrevistas e questionários, encontramos argumentos e expectativas de professores e mediadores. Entendemos que, ao serem compartilhados, esses achados, podem contribuir para que as visitas escolares se tornem experiências prazerosas e plenas de significado para professores, mediadores, e, sobretudo, para as crianças.

Palavras-chave: museus, visitas escolares, relação museu/escola.

Abstract

The school museum connection has been discussed in academic research in both educational and museum education fields. About school visits, different views and approaches from teachers and museum educators sometimes conflict. This article discusses part of the results of a study that sought to understand the vision of these actors and find converging points for establishing dialogical relationships that optimize these pedagogical moments. Relying on research and experts from the field and data produced by interviews and questionnaires, we found arguments and expectations from teachers and educational mediators, which, if shared, can help school visits become experiences that are pleasant and full of meaning for teachers, mediators, and, above all, children.

Keywords: museums, school visits, museum/school connections.

Resumé

La relation entre les écoles et les musées a fait l'objet de recherches universitaires dans les domaines de l'éducation et de la muséologie. Dans le cadre des visites scolaires, des visions et des approches différentes de la part des enseignants et des éducateurs de musée parfois s'affrontent. Cet article présente une partie des résultats d'une étude visant à comprendre la vision de ces acteurs et à trouver des points de convergence pour établir des relations de dialogue qui optimisent ces moments pédagogiques. En nous appuyant sur la recherche menée dans le domaine et sur les données produites par des entretiens et des questionnaires, nous éclairons des attentes exprimées par les enseignants et les médiateurs qui, en tant que partagées, peuvent aider les visites scolaires à devenir des expériences intéressantes et significatives pour les enseignants, les médiateurs et, surtout, pour les enfants.

Mots-clés: musées, visites scolaires, relation école-musée.

1 Introdução

A relação escola-museu é uma questão importante para ambas as instituições e é um sinal de que ambas estão se repensando e buscando alternativas de mudança. É um indício de que a escola está se abrindo para o mundo e deixando de ser um espaço fechado, visando a oferecer uma educação diferente daquela da família (Gayet, 1999). Da mesma forma, o museu está se afastando de sua missão original de conservação, para receber um novo público e se envolver em novas formas de mediação (Marot, 1938).

Na verdade, conforme destaca Carvalho (2023, p. 100), a relação da instituição escolar não apenas com os museus, mas com todo e qualquer território urbano, configura-se como desafio a ser enfrentado, de modo ainda mais complexo, por aqueles que se dedicam a pensar alternativas para um mundo que se transforma, de maneira cada vez mais acelerada, dando surgimento a novos contextos e cenários de aprendizagem.

O modelo de serviços educacionais desenvolvido pelos museus norte-americanos, no final do século XIX, teve uma grande influência nos serviços de ensino que se desenvolveram, principalmente, após a Segunda Guerra Mundial nos museus da Europa, e, em particular, na França. A partir do início do século XX, os americanos foram pioneiros na integração das "horas de museu" aos currículos escolares e no desenvolvimento de novas profissões em museus, os então chamados "professores de museus" para receber as turmas.

O primeiro museu infantil foi inaugurado no Brooklyn, em 1899. Em 1952, havia cerca de 35 museus desse tipo nos Estados Unidos, enquanto, na mesma época, apenas o Museu de Educação de Haia (fundado em 1920), na Europa, justificava esse apelido. Na Europa, foram feitas tentativas, principalmente, na Bélgica (Lefrancq, 1927) e na Suécia (Stroembom, 1933), sob o impulso da educação popular.

A partir da década de 1930, os museus franceses começaram a pensar em seu papel educacional (Bordeaux, 2013). Mas foi somente na década de 1970, que os primeiros departamentos culturais foram abertos, seguidos pela formação de departamentos educacionais dentro desses departamentos, que então se tornaram independentes.

A partir da década de 1980, um pequeno número de docentes foi destacado para os museus como parte de suas funções de ensino, para desenvolver ferramentas de mediação alinhadas aos currículos escolares e às visitas escolares.

A lei de 2002¹ obriga os museus a cumprirem seu papel educacional. O artigo 2 exige “a concepção e a implementação de atividades educacionais e de divulgação com o objetivo de garantir a igualdade de acesso à cultura para todos”. O artigo 7 afirma que “cada museu na França tem um departamento responsável pelo acolhimento de visitantes, divulgação, atividades culturais e mediação”.

Essas atividades são realizadas por pessoal qualificado tanto em história da arte como em ciências da informação e da comunicação, e vários tipos de cursos de capacitação são oferecidos pela Educação Popular² fora dos cursos de formação acadêmica. Quando apropriado, esse departamento pode ser compartilhado por vários museus. Essa lei amplia várias iniciativas, em

¹ LEI nº 2002-5, de 4 de janeiro de 2002, sobre os museus da França. Disponível em: <https://www.legifrance.gouv.fr/eli/loi/2002/1/4/MCCX0000178L/jo/texte>.

² A revolução de 1792, na França, levou o país a democratizar a escola, com o objetivo de oferecer uma educação para o povo. Esse projeto foi liderado por Condorcet e deu origem a um movimento militante desenvolvido dentro e fora das escolas em toda a França que promoveu as ideias de emancipação por meio do saber. Esse movimento é chamado Educação Popular. Desde a Segunda Guerra Mundial, o movimento é mais conhecido por suas atividades socioculturais, aprendizado contínuo e atividades culturais realizadas pelo Centres d'Entrainement aux Méthodes d'Education Active - Cemea (Centros de Treinamento para Métodos de Educação Ativa). O seu objetivo é promover a emancipação, o acesso ao conhecimento e à cultura e facilitar o exercício da cidadania. Seu foco é promover mudanças sociais fora das instituições educacionais tradicionais.

particular, as parcerias firmadas entre o Ministério da Cultura e o Ministério da Educação Nacional.

Em 2008, a criação do *Parcours d'Education Artistique et Culturelle*³ (Peac) nas escolas recomendou visitas escolares a museus. A prática já existia há muito tempo como parte de projetos escolares ou de classe, mas agora ela é fortemente recomendada, da mesma forma que outros passeios culturais escolares.

Poderíamos pensar que essa parceria de longa data facilitaria o encontro entre dois mundos que se cobijam: a escola e o museu. No entanto, essa parceria enfrenta uma série de desafios, revelando que não basta recomendar visitas escolares durante o período letivo para que elas ocorram e atendam às expectativas de todos.

O Brasil sofreu influências semelhantes. Seibel-Machado (2009) lembra que os setores educativos foram criados posteriormente aos museus, com o principal intuito de ser ponte entre o acervo e a escola, entre o curador e o professor. Na primeira metade do século XX, consolidou-se a ideia da utilização das coleções dos museus como recurso didático, influenciada por correntes pedagógicas como a Escola Nova, que propunha a experimentação como parte do processo de aprendizagem.

O Museu Nacional, localizado na cidade do Rio de Janeiro, adotou, desde o início do século XX, uma ação voltada para a instrução escolar e um alargamento do público visitante. É nesse contexto, que a criação da Seção de Assistência ao Ensino (SAE) no Museu Nacional, em 1927, inaugurou a institucionalização da educação museal no país. “Em seus primeiros anos, trabalhou, principalmente, na relação com as escolas, garantindo o acesso dos professores a diferentes materiais e coleções”⁴ (Castro *et al.*, 2020, p. 99, tradução nossa), com o propósito de assessorar o ensino escolar.

Nesse sentido, a educação em museus nasceu também com o intuito de complementar a educação escolar. Seibel-Machado (2009, p. 216), corrobora e reforça essa realidade, ao lembrar que

³ Percurso de Educação Artística e Cultural.

⁴ En sus primeros años, trabajó principalmente en la relación con las escuelas, garantizando el acceso de los maestros a diferentes materiales y colecciones

[...] o papel do museu como complemento da escola – ainda citado como um dos objetivos do museu em estudos que analisamos - já estava presente na intenção de criação do primeiro setor educativo, pelo Museu Nacional na década de 30, que referenciado pelos movimentos escolanovistas da época, gerou nos museus uma prática educativa escolarizada.

Na segunda metade do século XX, um contexto de modernização no Brasil impulsionou políticas desenvolvimentistas. Nesse cenário, os museus reorganizam suas práticas, e a museologia passou a se preocupar com o desenvolvimento social, e não apenas com a conservação de artefatos antigos. Seibel-Machado (2009, p. 20) ressalta que, naquele momento, as funções do museu foram pensadas com o intuito de "homogeneizar e universalizar a cultura dominante".

Com o advento da Nova Museologia, a partir dos anos 1980, iniciativas e propostas educativas desenvolvidas nos museus demonstraram uma preocupação mais acentuada na relação com o público visitante.

Embora se possa observar uma mudança de paradigma em relação à função educativa do museu, uma retrospectiva histórica aponta o quanto sua origem escolarizada pôde deixar marcas no modelo educativo adotado ainda hoje.

A concepção de educação complementar à escola repercute nas práticas de mediação e na recepção de diferentes públicos, mas, sobretudo, o escolar, assim como na percepção dos professores sobre as atividades educativas oferecidas por essas instituições. Também constatamos que o museu ainda é um espaço que carrega no imaginário coletivo, e particularmente entre professores, uma reputação de depósito de coisas antigas ou distantes da compreensão leiga.

Neste artigo, analisamos essa relação do ponto de vista de alguns dos atores envolvidos nessa parceria, ou seja, os docentes e os mediadores,⁵ através da análise do seu discurso. Para isso, nos baseamos em pesquisas, realizadas no Brasil e na França, sobre o que os professores esperam dos museus quando organizam uma visita e como os mediadores (e os setores educativos dos museus) veem essa relação e as visitas escolares. Utilizamos

⁵ Neste artigo, são utilizados ambos os termos "mediadores" e "educadores museais" para se referir aos profissionais que trabalham na recepção dos diferentes públicos em museus. Na França, usa-se o termo mediador/a e, no Brasil, ainda há uma alternância entre ambos.

um *corpus* de quatro questionários e entrevistas com cinco educadores museais (Gewerc, 2022).

Nossa discussão está dividida em três partes: a primeira faz uma apresentação mais detalhada do *corpus* estudado, das escolhas feitas na análise e da estrutura usada para realizar nossa comparação. A segunda parte analisa as tensões nas relações e a maneira como cada um dos agentes entende o papel do outro. Por fim, a última parte nos permite definir como o público entrevistado nos dois países caracteriza uma visita escolar ao museu: sua preparação, sua experiência e sua exploração.

2 Aspectos metodológicos

Nosso objetivo é entender como as professoras⁶ e educadores museais percebem e vivenciam essa relação, mas também como seus discursos são caracterizados de acordo com os contextos sócio-político-culturais dos dois países: Brasil e França.

Baseamos nossa análise em quatro questionários realizados nos dois países e uma entrevista no Brasil. Propusemo-nos a analisar os dados, na tentativa de entender como a relação escola-museu é percebida pelos atores dessas duas instituições.

No intuito de trazer a visão das professoras acerca das visitas escolares, no que concerne à escolha, objetivos, motivações, planejamento, organização entre outros aspectos, foi aplicado, durante o ano de 2019, a professoras francesas de ensino infantil e primário, um questionário que obteve 119 respostas.

O mesmo questionário (com adaptações à realidade brasileira e ao intuito desta pesquisa) foi aplicado no Brasil, em 2022, com o objetivo de efetuar uma análise das aproximações e distanciamentos das realidades vividas pelas docentes dos dois países, e obteve 88 respostas. (Gewerc; Dias-Chiaruttini, no prelo).

⁶ Optamos por utilizar o substantivo feminino ao mencionar os sujeitos da pesquisa, uma vez que a docência de crianças pequenas é exercida majoritariamente por mulheres, assim como as respondentes dos questionários em ambos os países.

Baseamo-nos também nos dados construídos durante a tese de Gewerc (2022) que, em 2020, distribuiu um questionário *on-line* para professoras do ensino infantil e fundamental na cidade do Rio de Janeiro. O questionário foi baseado nas seguintes perguntas

- Quais são as expectativas dos professores em relação às formações oferecidas pelos museus para o público docente?
- O que motiva os professores a buscarem formações em museus?
- O que consideram relevante nas atividades oferecidas para professores em um museu?
- Como os professores avaliam as formações recebidas nos espaços museais?

Esse questionário obteve 100 respostas. As sete entrevistas abordadas nessa tese, em 2020, foram realizadas com educadores de cinco museus de arte na cidade do Rio. Museu de Arte do Rio (MAR) Museu Nacional de Belas Artes (MNBA) Casa Museu Eva Klabin (CMEK) Instituto Casa Roberto Marinho (ICRM), Instituto Moreira Salles (IMS) e vêm completar os dados que analisamos.

Ressaltamos que esse *corpus* composto lida com perguntas semelhantes, mas cruza dados de questionários e entrevistas, métodos diferentes de coleta de discurso. Estamos analisando apenas o discurso produzido com o intuito de identificar os temas que nos permitem responder às nossas perguntas. Assim, realizamos uma análise de conteúdo temático, e isso permite reduzir os dados para extrair os pontos essenciais do que os atores tinham a dizer (Paillé; Muchielli, 2008).

3 A relação museu e escola pelo olhar de professores e educadores museais

A relação escola-museu tem em comum, em sua origem, a concepção de educação como transmissão de uma cultura considerada universal e a visita ao museu como complementar ao ensino escolar. Entretanto, embora o ponto de partida denote uma visão semelhante, as tensões não tardaram a emergir. Se então, havia uma semelhança na abordagem pedagógica, com o tempo, gerou-

se uma cisão entre os profissionais do museu e da escola em relação a conhecimentos, competências e funções.

Koptcke (2014), em sua pesquisa realizada no Brasil, se refere às mútuas acusações entre os atores envolvidos em visitas escolares: mediadores acusam professores de irem ao museu a passeio, sem se implicarem na visita escolar. Esses manifestam a percepção de que mediadores culturais não consideram as necessidades do público escolar e têm dificuldade em se adaptarem para acolherem as crianças.

O resultado é uma “desresponsabilização” e uma confusão a respeito das funções que os diferentes atores poderiam assumir. Essa tensão também é observada em distintas pesquisas, como Carvalho (2013), Gewerc, (2022), Gabre (2016) entre outras.

Dias-Chiaruttini (2020), trabalhando com uma associação de museus na França que reúne mais de 100 instituições no norte do país, constatou que as pessoas encarregadas do relacionamento com o público escolar entrevistados pela pesquisadora, tendiam a ver as escolas como um espaço rígido e, com frequência, expressavam uma imagem significativamente desvalorizada dos professores. Os entrevistados sinalizavam o que os professores não são, e não o que são, o que dá espaço a todos os tipos de clichês. O fato é que, em vários casos, os professores dificilmente são vistos como parceiros com os quais poderiam desenvolver visitas (com exceção dos professores destacados para o museu⁷).

Gabre (2016), igualmente, encontra fontes de tensão entre mediadores e professores e defende que o professor se constitua como sujeito durante as visitas escolares.

A visão do professor como objeto pode ser observada em muitos casos, durante a visita ao museu com seus estudantes. Essa constatação é observada tanto na postura de alguns professores, quanto na atitude dos mediadores quando os ignoram durante as propostas educativas. Nesse sentido, entender o professor como sujeito, é, segundo Tardif (2002), considerá-lo na sua subjetividade, ou seja, como detentor de saberes específicos mobilizados na ação cotidiana. (Gabre, 2016, p. 59).

⁷ Na França, professores podem assumir funções educativas em museus em paralelo ou em alternância à sua prática docente.

Bossler e Nascimento (2013) entrevistaram 15 professores, buscando saber o que pensavam sobre o que seria o seu papel e qual seria o lugar dos mediadores durante uma visita escolar. Os docentes se sentem na obrigação de conhecer a proposta que será oferecida aos alunos e serem incentivadores da curiosidade e do interesse das crianças. Contudo, se colocaram no papel de aprendizes, delegando o lugar do conhecimento ao mediador.

Além de conhecerem profundamente o assunto a ser abordado durante a visita, os professores esperam que os mediadores saibam se comunicar com as crianças, entreter, explicar, envolver o grupo, brincar, entre outras habilidades.

Quando se trata de crianças menores, da educação infantil, os desafios são ainda mais complexos. Ainda que seja cada vez mais frequente a presença de crianças pequenas nos museus, tanto com as famílias quanto em visitas escolares, esse ainda é considerado um público que causa desconforto entre os mediadores.

A ausência de uma formação profissional e as poucas oportunidades de formação em serviço, somadas à falta de familiaridade com o público de menor idade, contribuem para uma maior dificuldade na recepção das crianças pequenas. Os professores percebem tais dificuldades durante as visitas escolares e, colocando-se na postura de receber um serviço, se queixam da inaptidão dos mediadores.

Refletindo sobre possíveis causas para um distanciamento e uma incompreensão em relação ao universo museal por parte das professoras, Dias-Chiaruttini e Gewerc (no prelo) incluíram, em sua pesquisa comparativa, uma pergunta que buscava saber se as elas haviam recebido informações sobre museus e visitas escolares durante a formação inicial.

Dentre as professoras brasileiras, 61,4% responderam negativamente e, dentre as colegas francesas, 70%. Esse dado aponta uma lacuna na formação de professores e professoras. Ainda que a futura professora fosse uma frequentadora assídua a museus (algo cada vez mais raro), conhecer as possibilidades, desafios e relevância das visitas com as crianças em instituições culturais estimula projetos e permite um melhor aproveitamento dessas situações pedagógicas.

Dentre as professoras brasileiras que afirmaram ter recebido informações durante sua formação inicial, das 14 respostas válidas, 10 se referem a

disciplinas cursadas durante a formação que abordaram o tema da formação cultural do professor e estimularam a visita a museus.

Resultados semelhantes foram identificados na pesquisa de Gewerc (2022), em que, dos 100 respondentes, apenas sete mencionaram terem contado com disciplinas que abordavam as questões culturais e incentivavam a frequência a museus entre outros espaços de culturas, durante sua formação inicial.

Igualmente, na pesquisa de Bossler e Nascimento (2013) acima mencionada, nenhum dos 15 professores entrevistados havia recebido informações ou incentivo para conhecer museus durante sua formação inicial.

É importante destacar que o questionário aplicado no Brasil, análogo ao que foi aplicado aos professores franceses, obteve 88 respostas, das quais apenas 52,3% haviam acompanhado alunos em uma visita escolar. Algumas hipóteses para esse número baixo seriam a falta de informações e estímulos para frequentar museus e o desconhecimento sobre a potencialidade desses espaços educativos, bem como o não reconhecimento do direito e das possibilidades de uma visita com crianças pequenas a um museu, tanto por parte de professores quanto de educadores museais.

Ademais, no Brasil, a questão do transporte (ou da falta dele) é uma realidade que tem impedido deslocamentos entre escolas e diferentes espaços culturais e de natureza para as crianças. Por falta de recursos e políticas educativas e culturais de incentivo, não há transporte disponível para as crianças de escolas públicas e, de modo geral, o Brasil enfrenta inúmeras dificuldades no transporte público.

A violência que assola grandes cidades potencializa os problemas na utilização de transporte público e se converte em fator dificultador ao acesso. (Cazelli, 2005; Resinentti, 2017; Lopes, 2019; Gewerc, 2022).

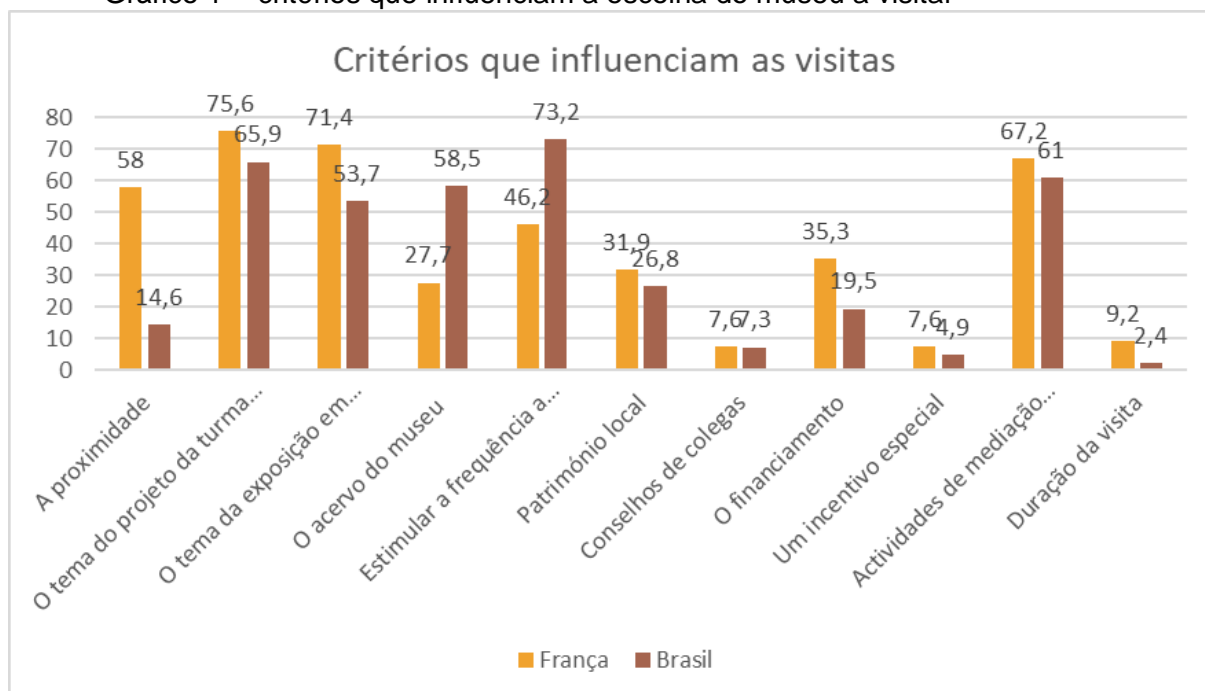
4 A visita ao museu e os atores envolvidos nas pesquisas

Os dados produzidos pela pesquisa, a partir dos comentários dos atores, nos permitiram ratificar ou complementar os dados que afetam o relacionamento entre escola e museu mencionados em outras pesquisas, igualmente em ambos os países, e que apontam um panorama de possíveis caminhos.

No que diz respeito aos critérios que influenciam a escolha dos museus aonde professoras levam seus alunos, os cinco critérios mais importantes que foram assinalados pelos docentes brasileiros se referem a: estimular a frequência a ambientes culturais – 34 (73,9%); o tema do projeto da turma ou da escola – 30 (65,2%); as atividades propostas pela mediação do museu – 25 (61%); o acervo do museu – 24 (58,5%); o tema da exposição em cartaz – 24 (52,2%).

Quanto aos colegas franceses, o tema do projeto da turma ou da escola – 90 (75,6%); o tema da exposição em cartaz – 85 (71,4%); as atividades propostas pela mediação do museu – 80 (67,2%); a proximidade – 69 (58%) e estimular a frequência a ambientes culturais – 55 (46,2%).

Gráfico 1 – critérios que influenciam a escolha do museu a visitar



Fonte: Dias-Chiaruttini e Gewerc (no prelo)

As professoras brasileiras priorizaram a abertura cultural possibilitada pelo acesso ao museu e seu acervo, enfatizando, assim, a ampliação do repertório das crianças e a possibilidade de conhecer diferentes espaços. As professoras francesas priorizaram mais o projeto da turma e o tema da exposição, privilegiando a vivência do momento, do projeto.

Embora esses dois critérios também tenham sido muito enfatizados pelas docentes brasileiras, há, no entanto, uma diferença importante: as professoras brasileiras parecem privilegiar as visitas ao museu com base na coleção,

enquanto as professoras francesas escolheriam a exposição com base no projeto da turma.

Uma vez escolhido o museu que será visitado, no intuito de que a visita escolar seja bem aproveitada, as professoras, em sua maioria, preferem conhecer o espaço antes de levarem as crianças. Dentre as professoras brasileiras, 37 (80,4%) afirmam querer conhecer o espaço antes de ir com as crianças. Quanto às colegas francesas, 99 (91,7%) responderam o mesmo.

As justificativas se assemelham em vários aspectos. A preparação para a visita com as crianças é a razão principal e se justifica por distintos elementos, como conhecer melhor o acervo, verificar se o espaço é adequado para receber crianças, preparar melhor a visita, dentre outros.

Entretanto, as respostas das professoras francesas indicam que, enquanto no Brasil, geralmente, a mediação é feita por educadores museais, na França, as professoras se engajam ativamente na atividade, criando percursos, jogos, selecionando o roteiro, o tempo da visita. Nesse sentido, o domínio do assunto da exposição, a preparação de perguntas e conhecer as respostas para os eventuais questionamentos dos alunos, entre outras possibilidades, foram algumas das motivações alegadas pelas docentes francesas para a visitação prévia ao museu.

Um segundo aspecto captado nas respostas das professoras francesas, não observado entre as colegas brasileiras, se refere a uma preocupação em antecipar situações na perspectiva de controle. Algumas das respostas se referem a evitar incidentes e distúrbios de comportamento, antecipar as perguntas que os alunos podem fazer ou observar perigos eventuais.

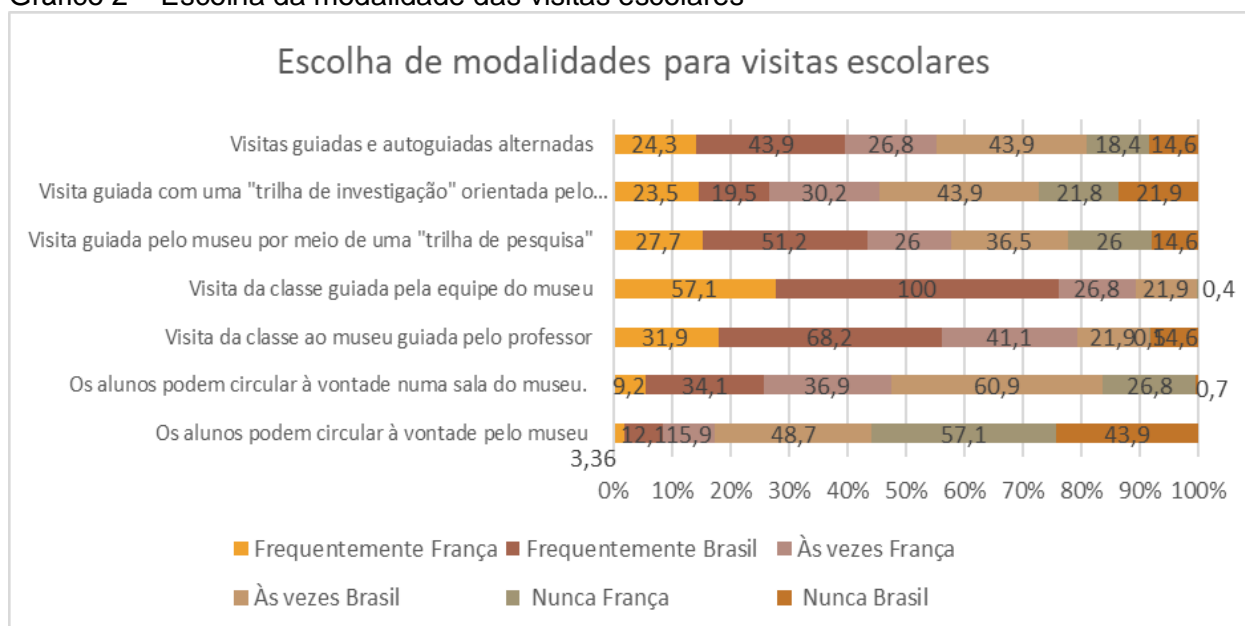
Em que pese as nuances entre as respostas das docentes francesas e brasileiras, a pesquisa deixa evidente o quanto as professoras priorizam um preparo antes de uma visita escolar com as crianças para o museu. Os dados também demonstram que a preparação engloba raramente uma relação dialógica com o museu: 10 (21,7%), das professoras brasileiras, e 34 (28,6%), das colegas francesas incluem a participação em atividades organizadas pelo museu e, respectivamente, 10 (21,7%) e 30 (25%) das professoras, têm um encontro com os mediadores ou responsáveis do educativo do museu a ser visitado.

Gabre (2016) reforça a importância da visitação prévia à exposição por diferentes razões. A imagem que as crianças têm do museu, muitas vezes, precisa ser desconstruída. Criar expectativas, ativar a curiosidade e o interesse podem contribuir para uma experiência em que as crianças se impliquem mais ativamente.

A autora também lembra que, frequentemente, os professores se sentem julgados por não terem um conhecimento profundo sobre os temas expostos e são culpabilizados quando as crianças não se comportam da maneira esperada.

No que tange à modalidade da visita, uma vez no museu, a grande maioria das professoras respondentes prefere uma modalidade que privilegie a mediação de um educador museal, com uma ligeira preferência por essa opção, no caso dos docentes brasileiros, como demonstra o gráfico abaixo.

Gráfico 2 – Escolha da modalidade das visitas escolares



Fonte: Dias-Chiaruttini e Gewerc (no prelo)

A percepção das professoras sobre o que seria uma visita bem-sucedida é bastante semelhante em todos os questionários utilizados na construção deste artigo. No estudo comparativo entre França e Brasil, Dias-Chiaruttini e Gewerc (no prelo) constataram o quanto as professoras brasileiras consideram importante a adequação da linguagem, o acolhimento caloroso, a possibilidade de as crianças explorarem o espaço em seu ritmo.

Entre as professoras francesas, houve uma valorização evidente dos aspectos de organização, segurança e aprendizagem. Entretanto, foram

encontradas aproximações na importância que dão a uma mediação acolhedora e adequada ao público infantil, no planejamento necessário e nas reações das crianças que denotam que a visita foi bem-sucedida.

Professoras dos dois lados do Atlântico ficam felizes quando veem “os olhos das crianças brilhando”, quando os pequenos mostram curiosidade, interesse, fazem perguntas e saem encantados, com desejo de voltar.

Por outro lado, como diz Nathalie Dupont (2010, p. 98), sobre parcerias entre escolas e instituições culturais:

Entre a incompreensão e a indiferença, há muitas fontes de tensão. Os parceiros precisam negociar, barganhar conhecimento, poderes, desigualdades de *status*, legitimidade disciplinar, projetos, decisões, soluções, diferentes necessidades na área etc., e frequentemente surgem desacordos que precisam ser aceitos para que se possa trabalhar em conjunto (tradução nossa).⁸

Esses aspectos podem ser observados nos critérios elencados sobre o que pode prejudicar uma visita escolar ao museu. Professoras de ambos os países se referiram aos mediadores que não usam uma linguagem adequada, nem respeitam o ritmo e a exploração do espaço.

Ao mencionar os alunos, as respostas de ambos os países denotavam a preocupação com a reação das crianças frente a uma visita monótona, sem sentido, longa demais ou excessivamente concentrada no controle dos corpos das crianças e sua maneira de ocupar o espaço do museu. Esse dado indica a necessidade de se contar com educadores museais que conheçam as especificidades do público infantil, que ofereçam escuta e um planejamento flexível.

A principal causa de uma visita malsucedida apontada pelas docentes brasileiras, no entanto, é a falta de planejamento. Uma visita escolar é vista como uma atividade pedagógica que precisa de planificação como qualquer atividade realizada na escola. As professoras sentem a necessidade de buscar uma preparação e, igualmente, prepararem as crianças para a visita escolar, no intuito de aproveitar ao máximo a experiência.

⁸ Entre incompréhension et indifférence, les sources de tensions sont multiples. Pour les partenaires il faut négocier, marchander des savoirs, des pouvoirs, des inégalités statutaires, des légitimités disciplinaires, des projets, des décisions, des solutions, des besoins différents du territoire..., et il se produit fréquemment du désaccord qu'il faut accepter pour travailler ensemble.

Ainda é necessário tentar prever o imprevisível, questões como segurança e horários ou o comportamento das crianças. O planejamento mencionado não diz respeito apenas às docentes, mas por parte dos atores que irão receber as crianças no museu, da direção da escola que organiza as autorizações dos responsáveis para a visita escolar e o deslocamento com a empresa de transporte.

Quanto ao ponto de vista dos mediadores, a pesquisa de Gewerc (2022) constatou, a partir de entrevistas realizadas com cinco educadores museais, a perspectiva daqueles que recebem as professoras durante as visitas escolares. Um dos entrevistados identificou que as professoras esperavam do museu um material pronto, como um manual, um guia que as orientassem sobre como trabalhar a arte com as crianças. A entrevistada observou ainda uma baixa autoestima por parte das docentes, que se julgavam ignorantes, e a expectativa colocada sobre o setor educativo na condução da visita.

Essa mesma entrevistada presenciou situações em que professoras buscavam dirigir o olhar das crianças para os aspectos que estavam sendo tratados na escola, cerceavam a livre imaginação e interpretação das crianças em relação às obras expostas. Observou que, nessas ocasiões, não havia abertura nem conhecimento por parte das professoras para transformar a visita ao museu em algo prazeroso e em espaço de descobertas para os pequenos. Manifestou, com certo incômodo, ter percebido que, mesmo na educação infantil, a ida ao museu tem uma perspectiva escolarizada

A percepção dessa participante foi confirmada pelos outros educadores museais entrevistados, que sinalizaram o quão desafiador é trazer as professoras para uma visita prévia para conhecimento da exposição e suas possibilidades. A falta de tempo, mas também o desconhecimento e desinteresse foram mencionados, além da dificuldade de deslocamento.

5 Conclusão

É preciso destacar que o recorte empírico aqui apresentado não permite generalizar os resultados, devido à enorme diversidade do campo museal, em especial, no que tange à diversidade de tipologias dos acervos, tamanho das

equipes educativas, capacidade de atração e atendimento de públicos, existência de trabalho educativo sistematizado, entre outros.

O campo escolar é igualmente atravessado por condicionantes diversos. Trata-se, portanto, de um estudo que pode ser tomado como uma plataforma para se compreender outras realidades e apontar tendências. Em que pese as reservas assinaladas, os dados produziram direções e reflexões que apresentamos a seguir, à guisa de conclusão.

As tensões enfrentadas pelos atores fazem parte da história do relacionamento entre a escola e o museu e, às vezes, se devem à falta de encontros, ao conhecimento do trabalho de cada um, às restrições de cada um e aos imperativos impostos durante a visita da escola ao museu.

As professoras acham que os mediadores, muitas vezes, demonstram incapacidade para se comunicar e se adaptar às demandas dos alunos, sobretudo os menores, e ao trabalho escolar. Por outro lado, os mediadores acham que as professoras não estão envolvidas com a mediação e aguardam um serviço que não lhes diz respeito. Essas representações geram mal-entendidos que se devem essencialmente à falta de conhecimento mútuo.

Entretanto, a fala dos sujeitos envolvidos mostra que professoras e educadores museais sentem que precisam somar as habilidades uns dos outros, para que a visita escolar no museu seja bem aproveitada. A preparação da professora, às vezes, é limitada pela falta de diálogo e troca com o mediador e, por outro lado, se o educador museal conhecesse melhor o grupo visitante, poderia se adaptar às suas necessidades e singularidades.

As visitas escolares em museus demandam planejamento, como qualquer atividade pedagógica conduzida com intencionalidade. Quando consideradas pelas professoras como bem-sucedidas, são muito satisfatórias. Ao acompanhar, ao longo de um ano, as visitas escolares a uma instituição cultural localizada na cidade do Rio de Janeiro, Carvalho (2013) ressalta que, de modo geral, as docentes valorizam a atuação dos educadores museais, dado que essa pesquisa ratificou. Entretanto, foram identificados fatores que dificultam esse planejamento, sobretudo, por parte das professoras.

A partir da visão dos autores envolvidos, compreendemos que as visitas são bem-sucedidas quando não respondem apenas ao conhecimento acadêmico do currículo escolar, mas quando proporcionam uma experiência

sensível que abre uma maneira diferente de ver o mundo. E, nesse sentido, consideramos que, mesmo diante de tantas e todas as dificuldades, professoras e crianças podem viver experiências transformadoras em museus e instituições culturais.

Referências

- BORDEAUX, M-C. Du service éducatif au service culturel dans les musées : éducation et médiation. *Bulletin des bibliothèques de France (BBF)*, n. 3, p. 18-22, 2013. Disponível em: <https://bbf.enssib.fr/consulter/bbf-2013-03-0018-003> ISSN 1292-8399. Acesso em: 04 ago. 2023
- BOSSLER, A. P.; NASCIMENTO, S. S. *Modus operandi* do professor em situação de visita a espaços museais: práticas e ritos preparatórios, ao longo e após a realização da visita. *Ensino em Re-Vista*, n. 1, 2013. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/23212>. Acesso em: 22 maio 2022
- CARVALHO, C. Educação em museus da cidade do Rio de Janeiro: algumas reflexões. In: SILVA, R. M. D. da (Org.). *Pedagogicidades: educação, culturas e territórios urbanos*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. p. 99-124.
- CARVALHO, C. “Criança menorzinha... Ninguém merece!”: políticas de infância em espaços culturais. In: ROCHA, E.; KRAMER, S. (Orgs.). *Educação infantil: enfoques em diálogo*. São Paulo: Papyrus, 2013. p.295-312
- CASTRO F. *et al.* La educación museal en Brasil: de la práctica al concepto. *ICOM Education*, n. 29, p. 99-114, 2020.
- CAZELLI, S. *Ciência, cultura, museus, jovens e escolas: quais as relações?* 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- COHEN, C. ; GIRAULT, Y. Quelques repères historiques sur le partenariat école musée ou quarante ans de prémisses tombées dans l’oubli. *Aster*, n. 29, p. 9-26, 1999. Disponível em: <http://ife.ens-lyon.fr/publications/edition-electronique/aster/RA029-02.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2024
- DIAS-CHIARUTTINI, A. Que peut la didactique du français dans la relation École-Musée ? In: Boyer, P. *et al.* (Dirs.). *Diffusion & influences des recherches en didactique du français*. Namur : Presses Universitaires de Namur, 2020. p. 407-425.
- DIAS-CHIARUTTINI, A. ; GEWERC, M. Les visites scolaires aux musées du point de vue des enseignant•e•s une étude comparée entre le Brésil et la France. *Éducation et didactique*, v. 19, n.1 (no prelo).
- DUPONT, N. Les partenariats écoles / institutions culturelles : des passages entre cultures juvéniles, cultures artistiques et cultures scolaires ? *Les Sciences de l'éducation - Pour l'Ère nouvelle*, v. 43, n. 4, p. 95-121, 2010.

GABRE, S. de F. *Para habitar o museu com o público infantil: uma proposta de formação colaborativa entre professoras da infância e profissionais do Museu Municipal de Arte de Curitiba*. 2016. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

GAYET. D. *L'école contre les parents*. Paris: INRP, 1999.

GEWERC, M. *Formação cultural de professores dos anos iniciais da educação básica: o que os museus da cidade do Rio de Janeiro oferecem?* Tese (Doutorado em Educação) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

KÖPTCKE, L. S. Revisitando a parceria museu-escola: currículo e formação profissional. *Museologia e Patrimônio* v.7, n. 2, p. 15-35, 2014.

LEFRANCQ. J. Le rôle social des musées : un exemple belge. *Mouseion*, n.3, p.244-251, 1927.

LOPES, T. B. Outras formas de conhecer o mundo: educação Infantil em museus de Arte, Ciência e História. 2019. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

MAROT. P. *Musées et éducation, comment on doit montrer un musée aux enfants*. L'éducation par la récréation. Paris: Berger-Levrault, 1938.

PAILLÉ. P. ; MUCCHIELLI. A. *L'analyse qualitative en sciences humaines et sociales*. Paris: Armand, 2021.

RESINENTTI, P. M. *Dimensões da qualidade educacional na rede municipal do Rio de Janeiro: entre as formações acadêmica e cultural – o Projeto Escola e Museu*. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SEIBEL-MACHADO, M. I. *O papel do setor educativo nos museus: análise da literatura (1987 a 2006) e a experiência do Museu da Vida*. Campinas, SP: Tese (Doutorado em Ensino e História de Ciências da Terra) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, 2009.

STROEMBOM. S. L'éducation populaire au musée national de Stockholm. *Mouseion*, n. 21-22, p. 237-243, 1933.